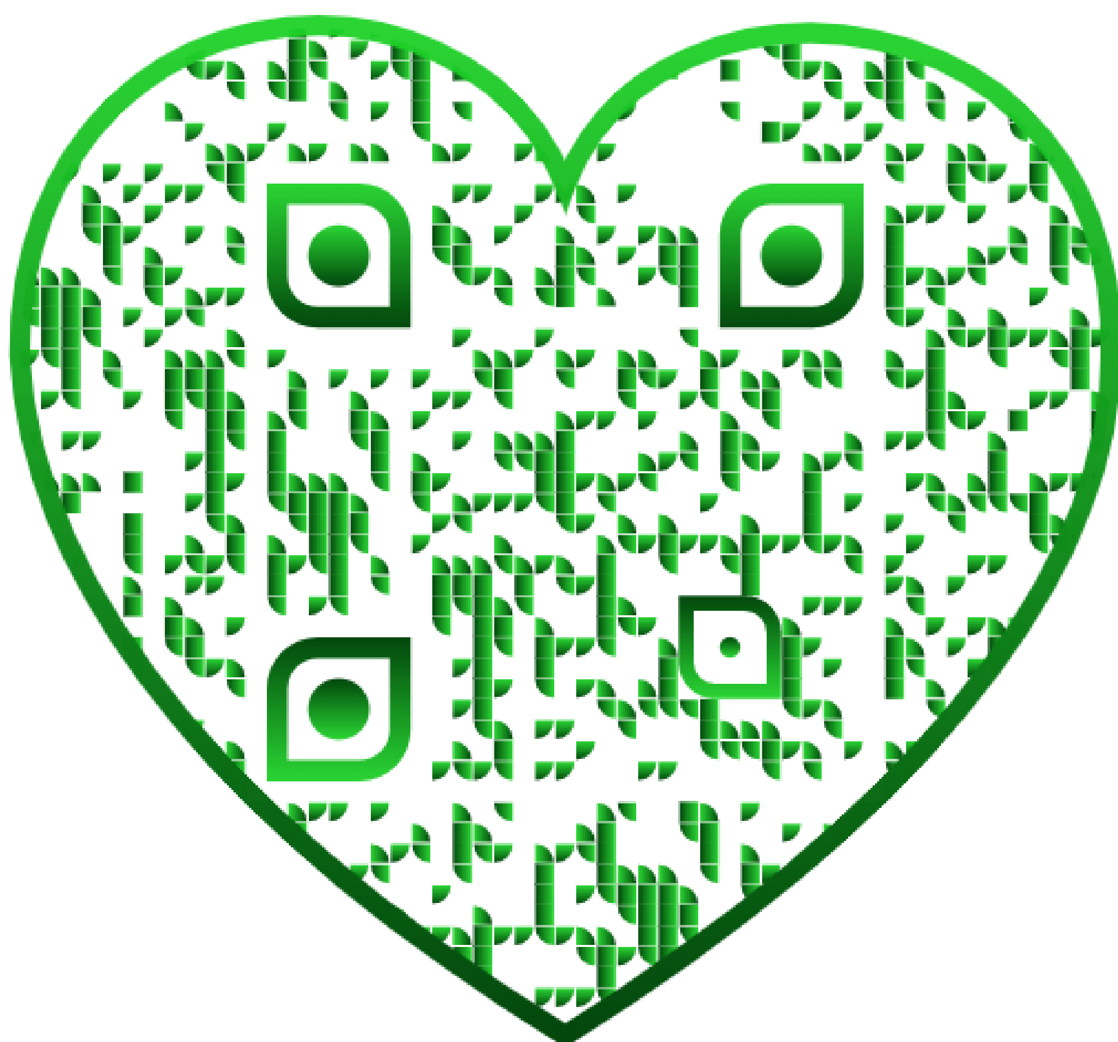
★ SYLVIA ORTHOF ★

O sapato que MIAVA



FTD

ILUSTRAÇÕES Ivan Zigg





Dona Velha
tinha um gato:
era um gato bem gatinho,
era um gato riscadinho,
chamado gato Deodato.

Dona Velha também
tinha um velho par
de sapatos.

Eram sapatos
enormes, bem macios.

Eram sapatos bem
velhos, os tais sapatos
da velha, Dona Velha,
a do gato.

Aquela velha que
tinha dois sapatos...
e tinha um gato.









A casa da Dona Velha
era uma casa velha,
com uma velha torneira
que vivia resfriada,
pingando água, plim, plim,
pelo nariz da torneira.

A casa da Dona Velha
também tinha uma poltrona:
era uma poltrona-balanço,
onde a velha balançava até dormir.

Era uma cadeira-descanso.

Quando a velha cochilava,
a torneira respingava,
a velha tirava os sapatos,
dormia e descansava, balançava.

Aí o gato Deodato entrava,
bem de mansinho,
para dentro de um sapato,
e se enroscava e dormia,
o gatinho Deodato.

Enquanto isso, de fato,
a cadeira balançava,
Dona Velha cochilava,
e a torneira pingava.





Quando a velha acordava, a velha se espreguiçava, mexendo cada dedão do seu pé.

Depois calçava os sapatos, e o chulé, sem descalçar o Deodato... que dormia no sapato!

Lá vai a Dona Velha, calçando seu velho sapato, com o chulé encolhido, mancando por causa do gato... que não saiu do sapato!

Lá vai a velha pra feira, cada passo é um miado, pois o gato Deodato, no sapato apertado, miava a cada passo:

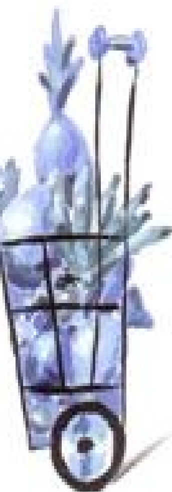
– Miau! Miau! Miau! Miau!

Lá vai a velha engatada, e o sapato vai miando, a cada passo da velha, o coitado do gatinho sofria e se esgoelava:

– Miau! Miau! Ui, ai, sapato! Eu sou o pobre Deodato!

Lá vai a velha mancando, manca-miando um sapato!





Dona Velha chega à feira, compra quiabo, erva-cidreira, compra cenoura, compra feijão.

Compra toicinho, ovos fresquinhos, peixe, bananas e camarão.

Enquanto isso, o gato, o pobre do Deodato, se espremia e miava, por causa de um dedão que lhe apertava o focinho, ai, que cheiro de chulé!

Um gato miava alto.

Um gato... ou um sapato?

Ou será que o tal miado era do gato, ou do pé?

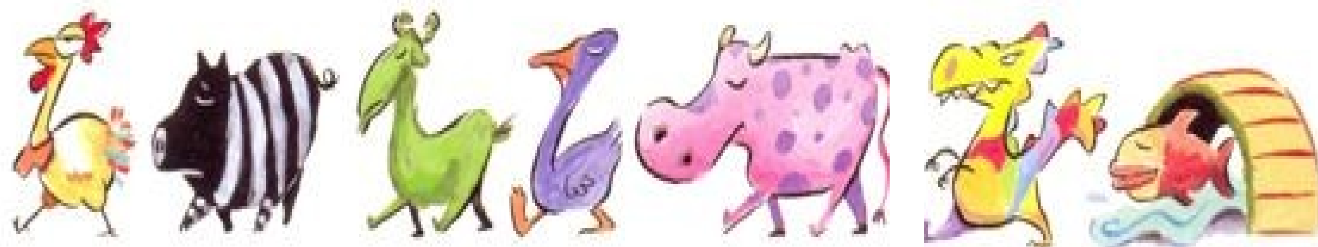
O gato era pequeno, e o sapato era grande.

O pé miava no gato?

O gato ficou com um calo?











E o pé vai adiante,
toma o caminho da estrada.
Passa um boi, passa
uma vaca, no meio de uma
boiada.
Passa um pato,
passa a pata, passa a cabra,
passa o bode.
Passa rio, passa ponte,
passa peixe, passa água.
Passa o tempo,
corre e foge... como pode?
Até que passa um velho,
que passa com seu cachorro,
o vira lata Fedelho.

– Miau!

– gritou o pé da velha,
com o gato no sapato.



– Au! Au!

– latiu o cachorro,
ali, no alto do morro.



Au, miau, que confusão:
o vira-lata Fedelho arrasta,
pela corrente, o seu dono,
aquele velho!

– Socorro, gente!
Saiam da frente!
Ai, que sou um velho-velho,
e meu cachorro puxando,
eu aguento... até quando?

O pé da velha correndo,
com o gato no sapato,
miando, corre na frente.

Atrás, o velho arrastado,
o cachorro, a corrente.

Que correria:
o sapato, o gato,
a velha, o vira-lata Fedelho,
e o velho muito velho.







E como acaba a história?

Se não me falha a memória,
acabou assim, assado:

O velho casou com a velha,
na igreja do povoado.

Muita gente foi pra festa,
muito bicho foi também.

O gato foi no sapato.

Depois o velho casal foi
morar na casa velha.

O gato mia no sapato... e o cachorro Fedelho agora late um au, au, quando o seu querido velho calça o seu velho chinelo.

Pois o cachorro, encolhido, aprendeu, foi com o gato:

O cachorro no chinelo.

O gato, lá no sapato.

Cada qual em sua cama.





Quando o velho vai
e calça, no velho pé,
seu chinelo, aperta dentro
o Fedelho.

– Au, au! – late o pé
do velho.

O cachorro no chinelo,
e o gato no sapato.

E a velha com seu velho,
eu juro: foi assim, de fato!



